



REVISTA COLETIVO CINE-FÓRUM

RECOCINE | v. 2 - n. 2 | mai-ago | 2024 | ISSN: 2966-0513

Nickolas Marques de Andrade

<https://orcid.org/0000-0001-7857-5814>

Doutorando e Mestre em Letras pela Universidade Presbiteriana Mackenzie. É professor no Colégio Presbiteriano do Brás, ministrando aulas nos Anos Finais do Ensino Fundamental. Suas pesquisas envolvem o ensino de Língua Portuguesa na Educação Básica, calcado em recursos tecnológicos e na cultura digital.

PhD candidate and Master in Letters from Universidade Presbiteriana Mackenzie. He is a teacher at Colégio Presbiteriano do Brás, teaching in the Final Years of Elementary School. His research focuses on Portuguese Language teaching in Basic Education, grounded in technological resources and digital culture.

Valéria Bussola Martins

<https://orcid.org/0000-0002-1997-3772>

Doutora e Mestre em Letras pela Universidade Presbiteriana Mackenzie. Pós-doutorado em Letras pela Universidade de São Paulo. É docente do Programa de Pós-graduação *Stricto Sensu* em Letras da Universidade Presbiteriana Mackenzie. Suas pesquisas envolvem o ensino de Língua Portuguesa e Literatura na Educação Básica, metodologias ativas, tecnologias educacionais e multiletramentos.

PhD and Master in Letters from Universidade Presbiteriana Mackenzie, with a postdoctoral degree in Letters from Universidade de São Paulo. She is a faculty member of the *Stricto Sensu* Graduate Program in Letters at Universidade Presbiteriana Mackenzie. Her research focuses on the teaching of Portuguese Language and Literature in Basic Education, active methodologies, educational technologies, and multiliteracies.

Este artigo passou por avaliação por pares cega e *software* anti-plágio.



LICENÇA ATRIBUIÇÃO NÃO COMERCIAL 4.0 INTERNACIONAL CREATIVE COMMONS – CC BY-NC

APRENDIZAGEM COM O OUTRO LADO DA TELA: *EDUTUBERS* NAS AULAS DE LÍNGUA PORTUGUESA DOS ANOS FINAIS DO ENSINO FUNDAMENTAL

RESUMO

Este estudo aborda a influência dos *edutubers* no processo de ensino-aprendizagem dos conteúdos de Língua Portuguesa nos Anos Finais do Ensino Fundamental. O problema de pesquisa é a viabilidade de integrar recursos digitais, como os produzidos por *edutubers*, ao ensino de Língua Portuguesa na Educação Básica. O objetivo geral é avaliar como o conteúdo desses influenciadores digitais pode ser utilizado de forma eficaz em sala de aula para melhorar o engajamento e a aprendizagem dos alunos. As hipóteses exploram a aceitação dos estudantes ao conteúdo digital e a eficácia dessas ferramentas no aprendizado. A metodologia empregada inclui a aplicação de três questionários a 30 alunos do 9º ano do Ensino Fundamental de uma escola privada em São Paulo. Os questionários abordaram os hábitos de navegação na Internet, a avaliação das videoaulas assistidas e a eficácia do processo de aprendizado. As respostas foram coletadas via *Google Forms* e divulgadas no *Google Sala de Aula*. A pesquisa revelou que 85,2% dos educandos acessam a Internet principalmente por *smartphones* e que 92,6% dos discentes expressaram interesse em acompanhar mais conteúdos produzidos pelo *edutuber* assistido. No terceiro questionário, 70,4% dos alunos relataram facilidade em resolver os exercícios propostos, embora 59,3% acreditassem que somente a videoaula não seria suficiente para um aprendizado satisfatório. Todos os participantes concordaram que a mediação do professor durante a exibição dos vídeos seria benéfica. Os principais resultados indicam que a integração de conteúdos digitais na educação pode aumentar significativamente o engajamento e a eficácia do processo de ensino-aprendizagem. No entanto, a mediação do professor é essencial para que esses recursos sejam utilizados de forma eficiente. A pesquisa conclui que os *edutubers* podem ser aliados valiosos no ensino da Língua Portuguesa nos Anos Finais do Ensino Fundamental, desde que o docente atue como mediador e facilitador do processo de aprendizagem.

Palavras-chave: *Edutubers*. Ensino de Língua Portuguesa. Tecnologias Digitais da Informação e da Comunicação. Ensino Fundamental. Aprendizagem.

LEARNING WITH THE OTHER SIDE OF THE SCREEN: EDUTUBERS IN PORTUGUESE LANGUAGE CLASSES FOR THE FINAL YEARS OF ELEMENTARY SCHOOL

ABSTRACT

This study addresses the influence of edutubers on the teaching-learning process of Portuguese Language content in the Final Years of Elementary School. The research problem is the feasibility of integrating digital resources, such as those produced by edutubers, into the teaching of Portuguese Language in Basic Education. The general objective is to assess how the content of these digital influencers can be effectively used in the classroom to improve student engagement and learning. The hypotheses explore students' acceptance of digital content and the effectiveness of these tools in learning. The methodology employed includes the application of three questionnaires to 30 9th-grade students from a private school in São Paulo. The questionnaires covered internet browsing habits, the evaluation of video lessons watched, and the effectiveness of the learning process. Responses were collected via Google Forms and shared on Google Classroom. The research revealed that 85.2% of students access the internet mainly through smartphones and that 92.6% expressed interest in following more content produced by the edutuber. In the third questionnaire, 70.4% of students reported ease in solving the proposed exercises, although 59.3% believed that video lessons alone would not be sufficient for satisfactory learning. All participants agreed that teacher mediation during the video presentation would be beneficial. The main results indicate that integrating digital content into education can significantly increase engagement and the effectiveness of the teaching-learning process. However, teacher mediation is essential for these resources to be used efficiently. The research concludes that edutubers can be valuable allies in teaching Portuguese Language in the Final Years of Elementary School, provided that the teacher acts as a mediator and facilitator of the learning process.

Keywords: Edutubers. Portuguese Language Teaching. Digital Information and Communication Technologies. Elementary Education. Learning.

INTRODUÇÃO

São recorrentes os relatos por parte dos educandos de que, muitas vezes, as aulas de Língua Portuguesa na Educação Básica são enfadonhas. Nesse sentido, o educador que ministra esse componente curricular deve refletir sobre sua prática docente, já que tanto docentes quanto discentes estão inseridos em um mundo que se apresenta mais multimidiático e tecnológico a cada dia.

Os professores que são responsáveis por lecionar a disciplina Língua Portuguesa na Educação Básica deveriam considerar que seus alunos passam muitas horas dos dias conectados à Internet, fazendo uso de diversas linguagens, interagindo com outros indivíduos, consumindo e produzindo informações. Ao compreender que esses jovens estão inseridos em uma realidade que cotidianamente se torna mais digital, faz-se importante o desenvolvimento de propostas didático-metodológicas que visam à utilização das Tecnologias Digitais da Informação e da Comunicação (TDIC) no ambiente escolar que “[...] de um lado, desafia, mas, de outro, possibilita uma amplitude da criatividade dele e do educando” (Guimarães; Freire, 2021 [1983], p. 75).

Assim, ao compreender a importância de se elaborar essas atividades pedagógicas, o mestre poderá desenvolvê-las valendo-se das linguagens digitais, consoantes aos pressupostos disponíveis nos documentos que regulamentam a Educação Básica brasileira, como as mídias sociais, que se encontram largamente presentes no dia a dia de crianças e adolescentes.

Uma das mídias sociais mais acessadas pelos alunos na atualidade é o YouTube – plataforma multimidiática de armazenamento e compartilhamento de vídeos, que inclui a possibilidade de os usuários se tornarem produtores de conteúdo digital, os chamados *youtubers*. Além de proporcionar entretenimento, inúmeros *youtubers* criam conteúdo que auxilia os educandos nos estudos. Esses *youtubers*, denominados *edutubers*, geralmente, são educadores que migraram da modalidade presencial para a virtual como forma de se aproximarem dos estudantes, deparando-se com a possibilidade de continuarem a ensinar para um público maior e, assim, atingindo mais alunos do que em uma sala de aula convencional.

O presente artigo, cujo problema de pesquisa é como os *edutubers* podem influenciar no processo de ensino-aprendizagem dos conteúdos de Língua Portuguesa dos Anos Finais do Ensino Fundamental, propõe analisar o impacto que os esses influenciadores digitais podem proporcionar no ensino de objetos de conhecimento da língua materna, com o intuito de, junto com o professor mediador desse processo, avaliar a contribuição para o ensino de conteúdo do referido componente curricular.

O referencial teórico que alicerça este estudo pauta-se nas recomendações da Base Nacional Comum Curricular (BNCC), documento oficial que regulamenta a Educação Básica brasileira (BRASIL, 2017) e nas teorias advindas de Andrade (2022), Antunes (2003, 2007), Burgess e Green (2009), Freire (2011 [1996], 2014 [2000], 2021 [1979]), Freire e Guimarães (2021 [1983]), Fischberg (2020), Gomes (2016), Martins (2014a, 2014b), Moran (2007), Possenti (1996), Rojo e Moura (2012), Ruiz (2011) e Siegel (2016).

O ENSINO DE LÍNGUA PORTUGUESA NOS ANOS FINAIS DO ENSINO FUNDAMENTAL

Na vivência de sua prática pedagógica, o docente responsável pelo componente curricular Língua Portuguesa nos Anos Finais do Ensino Fundamental precisa desenvolver conscientes propostas didático-metodológicas que possibilitem potencializar suas aulas para que não caiam na monotonia.

Muitas vezes, devido ao fato de tal disciplina escolar apresentar uma carga horária entre cinco e seis aulas por semana, o professor que a ministra é aquele que mais teria contato com seus alunos. Por isso, não é incomum se deparar com relatos como “durante a semana, vejo mais você do que meus pais” ou “passo mais tempo com você do que com alguns familiares”. Embora haja mestres que julgam ser absurda a proximidade entre professores e alunos, Freire (2011 [1996], p. 66) ampara quem pensa diferente, indagando: “Como ser educador, se não desenvolvo em mim a indispensável amorosidade aos educandos com quem me comprometo e ao próprio processo formador de que sou parte?”.

Ao lidar com adolescentes entre 11 e 14 anos, que estão matriculados do 6º ano ao 9º ano do Ensino Fundamental, o educador sabe que nessa faixa etária as descobertas, a explosão hormonal e a instabilidade emocional manifestam-se nos jovens. Contudo, é recorrente alguns docentes se estressarem, se irritarem e, na medida em que passa o tempo, alegarem não saberem lidar com os indivíduos que estão nessa fase de suas vidas. É a relação professor-aluno que pode florescer uma frutífera parceria no processo de ensino-aprendizagem, já que estudantes costumam se identificar com professores que demonstram ser afetivos, tolerantes, criativos, empáticos, competentes, motivadores, bons ouvintes e que aprendem com os alunos.

Com sua larga experiência no ensino de Língua Portuguesa na Educação Básica, Martins (2014a, p. 23) corrobora o exposto, ao afirmar que “[...] é no professor que o aluno busca o seu ponto de referência existencial para o desenvolvimento de sua personalidade e da postura que julga ser capaz de levá-lo a fazer o percurso desejado para sua vida”.

Esse docente deve buscar realizar constantes reflexões em torno de sua prática para reavaliar se suas aulas e seus materiais pedagógicos estão de acordo com o que orientam os documentos norteadores da Educação Básica, além de estar disposto a elaborar propostas didático-metodológicas que sejam significativas e que contribuam para a formação dos estudantes que atualmente estão nos bancos escolares.

Relevantes se mostram as palavras de Freire (2021 [1979], p. 20), ao afirmar que:

[...] a primeira condição para que um ser pudesse exercer um ato comprometido era a sua capacidade de atuar e refletir. É exatamente esta capacidade de atuar, operar, de transformar a realidade de acordo com finalidades propostas pelo homem, à qual está associada sua capacidade de refletir, que o faz um ser da práxis.

Não são incomuns relatos de que as aulas de Português na Educação Básica se pautem, majoritariamente, no ensino teórico da gramática normativa da língua. Inclusive, diversos são os materiais didáticos que privilegiam o ensino da gramática, atribuindo maior relevância a esse objeto de ensino, ao longo de muitas e muitas páginas, em detrimento de outros que poderiam ser explorados no ambiente escolar. É válida a reflexão proposta por Antunes (2007, p. 73), ao expor que, geralmente, “[...] os livros didáticos não se arriscam muito: quando se trata de gramática, só propõem exercícios fora dessas relativizações contextuais; quase nunca exploram uma questão gramatical que admite variação”.

De igual modo, não é arriscado afirmar que essas aulas se apresentam distantes do dia a dia da maior parte dos estudantes e as estratégias de ensino de língua materna que ainda vigoram se mostram um tanto ineficientes e inadequadas. Assim, elas deveriam ser abolidas? Não. Na verdade, elas devem ser bem planejadas para que sua execução seja eficiente para que os estudantes possam encontrar sentido entre o que aprendem e o que vivenciam. Antunes (2007, p. 80, grifos da autora) problematiza essa questão ao expor: “Mas quem disse que não é para ensinar gramática? Quem disse que não é para usar regras? O problema é muito mais amplo: está em saber o *que é gramática, em que consistem suas regras; como se deve ensiná-las.*”

Em função dessa situação, são frequentes os relatos por parte dos alunos de que o estudo da Língua Portuguesa é difícil e, constantemente, eles acabam por questionar o porquê aprendem o que aprendem nessas aulas e em qual situação utilizarão esse conhecimento em suas vidas, pois não conseguem visualizar uma aplicabilidade no estudo de variadas nomenclaturas e classificações gramaticais. Essa atitude, por parte dos estudantes, “[...] manifesta-se na confessada (ou velada) aversão às aulas de português” (Antunes, 2003, p. 20).

Além disso, por ser a língua materna da maioria dos alunos que frequentam as instituições de Educação Básica no Brasil, infere-se que *a priori* eles já possuem determinado conhecimento sobre ela por usarem-na diariamente em situações comunicativas, sendo pertinente considerar que “[...] no dia em que as escolas se dessem conta de que estão ensinando aos alunos o que eles já sabem, e que é em grande parte por isso que falta tempo para ensinar o que eles não sabem, poderia ocorrer uma verdadeira revolução” (Possenti, 1996, p. 32-3).

Entretanto, não há de se culpabilizar materiais didáticos, docentes ou escolas. É preciso refletir sobre quem realmente determina o que deve ou não ser ensinado nas aulas de Língua Portuguesa, pois existem materiais didáticos bem confeccionados, professores bem-intencionados e engajados nas mudanças das estratégias de ensino de Português e escolas que acompanham e chancelam essas mudanças, seguindo os mais recentes pressupostos teóricos.

Há propostas didático-metodológicas que promovem um trabalho significativo em relação ao processo de leitura e de interpretação de textos em versões impressas e digitais, bem como existem eficientes estratégias que propõem um trabalho multimidiático da avaliação da leitura literária em ambiente escolar, além de ricas práticas educativas tecnológicas quanto a um real trabalho com a produção de textos nas aulas de Língua Portuguesa.

O educador comprometido com seu papel de ensinar e que ministra aulas de Língua Portuguesa nos Anos Finais do Ensino Fundamental compreende que seu alunado está imerso em um mundo diferente daquele em que esteve em seu tempo de criança ou de adolescente. Por isso, faz-se capital buscar meios para enfrentar os desafios que se afluam, a fim de que o processo de ensino-aprendizagem seja eficiente tanto para docentes quanto para discentes.

Ao considerar que educar com as mídias tem sido um dos principais assuntos no rol de discussão sobre práticas pedagógicas na contemporaneidade, não se pode deixar de lado as TDIC, uma vez que elas atribuem novos sentidos àquilo que se vivencia no dia a dia, surgindo um universo repleto de possibilidades para a comunicação e para o acesso a informações, com a finalidade de reconstruir significados (Ruiz, 2011).

A possibilidade de criação de textos, vídeos, músicas, ferramentas, designs não unidirecionais, controlados e autorais, mas colaborativos e interativos dilui (e no limite fratura e transgride) a própria ideia de propriedade das ideias: posso passar a me apropriar do que é visto como um “patrimônio” da humanidade e não mais como um “patrimônio” (Rojó; Moura, 2012, p. 25).

Educadores sérios, conscientes de seu papel e amorosos com os alunos precisam ter em mente que é indispensável desenvolver propostas de trabalho durante as aulas de Língua Portuguesa que visam a uma significativa utilização das TDIC em sala de aula, seguindo os

pressupostos dispostos nos documentos oficiais que regem a Educação Básica brasileira. Um destes que serve de suporte para os educadores é a BNCC que, homologada em 2017, trata-se de um “[...] documento completo e contemporâneo, que corresponde às demandas do estudante desta época, preparando-o para o futuro” (Brasil, 2017, p. 05).

É mediante a leitura da BNCC que se compreende que a área de Linguagens - composta pelos componentes curriculares Língua Portuguesa, Arte, Educação Física e Língua Inglesa -, por meio de práticas sociais, é aquela em que os humanos interagem entre si, com os outros e relacionam conhecimentos, atitudes, valores culturais, morais e éticos (Brasil, 2017).

Com base nisso, a área de Linguagens pode se apropriar das ideias de mídias sociais, visando a trabalhá-las em sala de aula com o intuito de potencializar sua importância, expondo aos alunos que aquilo que está em sua realidade pode ultrapassar os muros da escola e ser utilizado no processo de ensino-aprendizagem. São as aulas de Língua Portuguesa, portanto, que se apresentam como uma boa, senão a melhor, opção para vincular esses pensares. O professor que ministra esse componente curricular deve ser um sujeito que, atento ao mundo em que está inserido, busca, junto a seu aluno:

[...] compreender e utilizar tecnologias digitais de informação e comunicação de forma crítica, significativa, reflexiva e ética nas diversas práticas sociais (incluindo as escolares), para se comunicar por meio das diferentes linguagens e mídias, produzir conhecimentos, resolver problemas e desenvolver projetos autorais e coletivos (Brasil, 2017, p. 65).

Fica evidente que novas propostas didático-metodológicas que proporcionem um processo de ensino-aprendizagem eficiente durante o ano letivo e que integrem os elementos multimidiáticos e tecnológicos que estão no dia a dia dos estudantes se fazem basilares nos Anos Finais do Ensino Fundamental. É calcado nessas ideias que o presente artigo buscou envolver, nas aulas de Língua Portuguesa desse segmento, elementos da cultura digital que fazem parte do cotidiano dos alunos.

A UTILIZAÇÃO DE FERRAMENTAS DA CULTURA DIGITAL NAS AULAS DA EDUCAÇÃO BÁSICA

Sabe-se que os elementos tecnológicos surgem com o intuito de facilitar alguma atividade humana, promovendo melhor qualidade de vida aos indivíduos. Com o advento dos computadores não foi diferente. Assim que os computadores passaram a ser mais acessíveis, principalmente no âmbito econômico, tornaram-se um item praticamente indispensável na vida

de todos. Adquirir um computador pessoal significava viabilizar a realização de múltiplas tarefas e ampliar as possibilidades de interação social, por meio da Internet.

Não é exagero pensar que a *World Wide Web* se tornou vital na modernidade, já que sua utilização “[...] possibilita a combinação das linguagens verbal, sonora e imagética; propicia maior rapidez na busca por informações e oferece interatividade em tempo real com pessoas de todo o mundo” (Martins, 2014b, p. 96). Desse modo, muitos afirmam já não se recordarem da época em que não utilizam as benesses proporcionadas pela Internet.

Ora, se muitos indivíduos, nascidos principalmente nas últimas décadas do século passado, têm esse pensamento, o que esperar de crianças e adolescentes que, em sua maioria, nasceram em um mundo em que a *Web* é uma realidade diária? Diante disso, é imprescindível que a escola compreenda que já está mais do que na hora de se investir no desenvolvimento de atividades em que os elementos da cultura digital figurem, para que o processo de ensino-aprendizagem dos estudantes seja verdadeiramente correspondente ao momento em que vivem. Andrade (2022, p. 89) ratifica que é crucial:

[...] que o educador progressista, que esteja efetivamente comprometido com o processo de formação integral de jovens que estão na Educação Básica, visando a proporcionar-lhes uma aprendizagem significativa e condizente com o contexto em que vivem, esteja interessado em acompanhar as transformações digitais das últimas décadas, compreendendo a importância do uso pedagógico de ferramentas tecnológicas em sua prática docente.

Embora seja um fato que a Internet está presente na vida das pessoas, sobretudo na dos alunos que estão nos bancos escolares do terceiro milênio, é fundamental considerar que:

O computador e a Internet não são recursos milagrosos. Eles não são a solução para todos os atuais problemas da educação que ainda se mostra profundamente tradicional e, até certo ponto, cansativa e maçante. Sem objetivos claros para sua utilização, ambos acabam atuando como outras ferramentas que parecem só maquiagem o contexto educacional para que as instituições de ensino se promovam como modernas. [...] Se a aula é extremamente enfadonha e desgastante, o computador e a Internet serão, sim, mais motivadores. Contudo, para que a máquina seja empregada da melhor forma possível em sala de aula, faz-se necessário, antes de mais nada, que o docente se prepare, organize-se e justifique o seu uso ao longo de qualquer atividade (Martins, 2014b, p. 98).

É evidente que o uso da Internet em atividades escolares não reverterá os problemas da Educação Básica brasileira. Mas, desconsiderá-la do processo de ensino-aprendizagem de crianças e adolescentes do século XXI não se mostra uma escolha muito cognoscível.

Novas propostas pedagógicas se fazem necessárias, indispensáveis e urgentes à pós-modernidade tocada a cada instante pelos avanços tecnológicos. Na era da computação não podemos continuar parados, fixados no discurso verbalista, sonoro, que faz o perfil do objeto para que seja *aprendido* pelo aluno sem que tenha sido por ele *apreendido* (Freire, 2014 [2000], p. 129-130, grifos do autor).

O ideal é que sejam elaboradas propostas didático-metodológicas que envolvam os elementos da cultura digital, principalmente aqueles que os jovens apresentam maior familiaridade e destreza, como é o caso das mídias sociais, que possibilitam que as pessoas, de forma geral, conectem-se e interajam com outras de vários lugares do mundo, encurtando a distância e o tempo, além de compartilharem e produzirem conteúdos multimidiáticos em tempo real e de diferentes formatos.

Na atualidade, mostra-se praticamente impossível passar o dia sem curtir e/ou compartilhar *posts*, sem comentar nas postagens de conhecidos (e, às vezes, até de desconhecidos), sem se manter informado dos acontecimentos em tempo real, sem criar textos que combinam linguagens verbal, sonora e imagética a serem publicados em perfis pessoais. A experiência que as mídias sociais proporcionam aos indivíduos que as acessam por meio de qualquer dispositivo móvel transforma-os em editores, roteiristas, cinegrafistas, fotógrafos, ou seja, produtores digitais de sua própria realidade, de forma cada vez mais intuitiva, não sendo exclusividade de pessoas mais jovens (Andrade, 2022, p. 94).

O caminho para o uso eficiente das mídias sociais na escola inicia pelo planejamento. É preciso que, antes de mais nada, o professor medite sobre a pluralidade em torno da utilização das mídias sociais nas aulas do componente curricular que ele ministra. Assim, ele seguramente concluirá que há a possibilidade de crianças e adolescentes aprenderem por meio de dispositivos e ambientes virtuais, desde que haja a mediação de um educador que, com seu conhecimento pedagógico, reitere que uma troca significativa de experiências e de ideias contribui positivamente para potencializar o conhecimento.

Torna-se fundamental ainda que o professor tenha em mente que as mídias:

[...] desempenham, indiretamente, um papel educacional relevante. Passam-nos continuamente informações, interpretadas; mostram-nos modelos de comportamento, ensinam-nos linguagens coloquiais e multimídia e privilegiam alguns valores em detrimento de outros (Moran, 2007, p. 162).

É por isso que elaborar projetos que contemplem a utilização de ferramentas da cultura digital torna-se um valioso acerto para docentes que se preocupam com a aprendizagem de seus alunos, uma vez que esse trabalho pode ser muito significativo e prazeroso ao se compreender

que as mídias sociais, por exemplo, podem ser importantes aliadas no processo de ensino-aprendizado.

YOUTUBE, YOUTUBERS E EDUTUBERS: DA INTERNET À SALA DE AULA

Uma das mídias sociais mais acessadas na atualidade é o YouTube. O relatório *Digital 2024*, elaborado pela agência de *marketing* We are Social e pela Meltwater, empresa de soluções de inteligência de mídia, mostrou que 99,1% dos brasileiros possuem algum tipo de aparelho celular, 86,6% são usuários de Internet e, entre esses usuários, 97,5% têm alguma mídia social.

A Internet está acessível em 86,6% do território nacional, sendo o Brasil o segundo país que mais faz uso da *Web* no mundo todo. O brasileiro, em média, passa 9h13min na Internet, perdendo apenas para a África do Sul, cuja população fica, em média, 9h24min. A média mundial de permanência na Internet é de 6h40min. 6 horas é um tempo considerável ao se pensar que o dia tem 24 horas, porém, o povo brasileiro passa mais do que 1/3 da sua rotina diária na Internet. Esses dados evidenciam a importância de estudos que se debruçam sobre esse hábito digital.

Outro dado revelador é que, dessas 9h13min usadas na Internet por dia, 3h37min são dedicadas às mídias sociais WhatsApp (1º lugar), Instagram (2º lugar), Facebook (3º lugar) e TikTok (4º lugar). A média mundial de permanência em mídias sociais é de 2h23min.

Em relação aos *websites* mais visitados em 2023, o campeão de visitas foi o Google. O segundo lugar ficou com o YouTube, seguido pelo Facebook (3º lugar), Globo.com (4º lugar) e Instagram (5º lugar). Os dados evidenciam, portanto, que a presença da Internet e das mídias sociais no Brasil é intensa.

Em 2005, Chad Hurley, Steve Chen e Jawed Karim, três ex-funcionários de um *site* de comércio eletrônico estadunidense, criaram o domínio da Internet www.youtube.com, com o intuito de tentar “[...] eliminar as barreiras técnicas para maior compartilhamento de vídeos na internet” (Burgess; Green, 2009, p. 17).

O primeiro vídeo postado na plataforma digital, chamado *Me at the zoo* (do inglês, Eu no zoológico), foi publicado em 24 de abril de 2005, por Jawed Karim, um dos cofundadores do *site*, no canal que leva seu nome. O vídeo, de 19 segundos, basicamente, apresenta Karim comentando que estava na frente de elefantes em um zoológico. Até o dia 22 de janeiro de 2024, pouco mais de 18 anos de sua publicação, o vídeo contava com quase 305 milhões de visualizações.

De forma geral, o YouTube apresentou-se ao mundo como uma plataforma *on-line* de armazenamento e de compartilhamento de vídeos, incluindo a possibilidade de os usuários se tornarem produtores de conteúdo digital. Do surgimento à contemporaneidade, a plataforma se tornou uma mídia social de grande alcance e sucesso, devido basicamente à simplicidade de seu uso. Assim, muitos indivíduos usam-no de um modo bem similar: assistem a vídeos que são encontrados aleatoriamente e/ou clicam em *links* enviados por conhecidos que são repassados a outras pessoas (Burgess; Green, 2009).

Além disso, aqueles que possuem uma conta *Google* possuem, automaticamente, um canal, proporcionando o *upload* de vídeos, bem como a inscrição em outros canais, o compartilhamento, as funções curtir e descurtir em vídeos de outros usuários da plataforma *online*, que também pode ser acessada nos *smartphones*, por meio dos aplicativos baixados nas lojas *online* de cada aparelho com sistema operacional Android ou iOS.

Se o usuário decidir produzir conteúdos que serão postados em seu canal personalizado, ele se torna um *youtuber*. Muitos desses *youtubers*, ao longo do tempo, passaram a contar com apoio de *marketing* e de patrocínio de empresas, levando a monetização de seus conteúdos, devido à abrangência e à popularidade alcançada por seus vídeos publicados na Internet. Isso leva muitos jovens a se interessarem por esse universo, na expectativa de se tornarem grandes produtores de conteúdo, pois, assim, contarão com patrocinadores e apoiadores em seus vídeos.

Contudo, além de meramente proporcionar entretenimento, muitos são os produtores que criam conteúdo visando a auxiliar estudantes em seus estudos. Esses são denominados *edutubers*. A matéria jornalística publicada na versão *online* do jornal *O Globo*, de 25 de março de 2020, revela que educadores “[...] de sucesso em sala de aula estão se tornando influenciadores digitais” (Fischberg, 2020). A reportagem também evidencia que:

A cada dia surge um novo *edutuber*, afirma Clarissa Orberg, gerente de parcerias estratégicas do YouTube Brasil. Há um programa de suporte aos canais: a partir de mil inscritos, o educador já pode monetizar os vídeos; com 10 mil, ele tem acesso às instalações da plataforma para gravar vídeos; com 100 mil, é elegível a ter um gerente de atendimento próprio no YouTube (Fischberg, 2020).

É preciso salientar que, neste estudo, são considerados *edutubers* aqueles que são professores que migraram da modalidade presencial para a virtual, com o intuito de se aproximar dos estudantes. Ademais, vários são os fatores que levam educadores a se tornarem *edutubers*. A espontaneidade e a criatividade para poder explicar conteúdos de componentes

curriculares tidos, muitas vezes, como difíceis, são dois fatores que podem levar ao surgimento no YouTube de mais um canal destinado a conteúdos educativos.

Cabe destacar que outros *edutubers* surgiram, porque foram desligados das instituições de ensino que atuavam, sobretudo pela crise econômica que assolou o país, a partir de meados de 2015, e que se agravou pelas políticas de restrição provocadas pela pandemia da Covid-19, a partir de 2020. Ademais, não se pode desconsiderar que alguns se tornaram *edutubers* por buscarem novas oportunidades e experiências em seu fazer docente, abandonando as escolas que trabalhavam. Ao ingressarem no universo do YouTube, encontraram uma real possibilidade de continuarem a ensinar para um público maior, atingindo mais alunos do que em uma sala de aula convencional.

Em função de tudo o que foi apresentado, este trabalho pretende analisar como os conteúdos produzidos por esses *edutubers* podem ser utilizados no processo de ensino-aprendizagem de Língua Portuguesa na Educação Básica, com o intuito de, junto com o professor mediador desse projeto, potencializar o ensino dos conteúdos que envolvem a língua materna, aliando os elementos tecnológicos e midiáticos ao ambiente escolar.

APRENDIZAGEM COM O OUTRO LADO DA TELA: RESULTADOS E ANÁLISES

O desenvolvimento e a aplicação do projeto em sala de aula consistiram em etapas, visando a um processo de ensino-aprendizagem que fosse eficiente tanto para o docente quanto para os discentes. Assim, foram enviados questionários *online*, elaborados na plataforma *Google Forms*, a estudantes do 9º ano do Ensino Fundamental, de uma instituição de ensino privada, localizada na zona leste da capital paulista, em uma perspectiva de 30 alunos, durante todas as etapas, com o intuito de verificar se o projeto cumpriu o propósito da pesquisa.

No que se refere a este estudo, a aplicação dos questionários buscou analisar o impacto da utilização do conteúdo digital produzido pelos *edutubers* nas aulas de Língua Portuguesa.

Para a execução deste projeto, foram realizados três questionários: um sobre os hábitos de navegação na Internet dos alunos; outro sobre a videoaula e o *edutuber* assistidos e um último sobre a avaliação do processo de aprendizado. Em cada levantamento, utilizou-se a plataforma *Google Forms*, devido à praticidade para que o público-alvo da pesquisa pudesse acessar e responder aos formulários. Os formulários foram divulgados na plataforma *Google Sala de Aula* no período de 31 de março de 2020 a 20 de abril de 2020. Ao fim do prazo, contabilizaram-se 27 respostas. Cabe salientar que o prazo para as respostas foi estendido, atendendo às diretrizes divulgadas pelo Governo do Estado de São Paulo, durante os meses de março e abril

de 2020, por conta do isolamento social imposto pela pandemia da Covid-19 que levou à restrição das aulas presenciais, tendo de serem ministradas síncrona ou assincronamente, por meio de *softwares* de videoconferência.

Em relação às atividades que foram desenvolvidas em sala de aula remota, cujo programa de videoconferência permitia que professor e alunos estivessem conectados ao vivo para que a aula ocorresse, foram seguidas as etapas:

- Apresentação do projeto aos alunos;
- Aplicação de um questionário quanto aos hábitos discentes de navegação da Internet;
- Utilização de duas videoaulas, disponíveis na mídia social YouTube, produzida por um mesmo *edutuber*;
- Aplicação de questionário aos alunos sobre as videoaulas assistidas;
- Aula do docente que ministra o componente curricular Língua Portuguesa, sobre o mesmo conteúdo apresentado nas videoaulas assistidas;
- Resolução de exercícios dispostos no material didático dos alunos;
- Aplicação de questionário aos alunos sobre o processo do qual eles participaram.

No primeiro questionário aplicado aos alunos, a pergunta inicial girava em torno do principal meio de acesso à Internet. Para 85,2% dos indivíduos, o acesso se dava por meio de *smartphone*. 14,8% responderam que utilizavam um computador pessoal. A opção *tablet* não foi escolhida.

A pergunta sequencial investigava a conexão de Internet dos respondedores. A opção de somente usar uma rede sem fio, por exemplo, Wi-Fi, foi escolhida por 40,7%. A opção de unicamente utilizar a Internet móvel, por exemplo, 3G ou 4G, não foi escolhida e 59,3% responderam que optavam por ambas as conexões.

Foi objetivo do estudo inteirar-se de quantas horas, em média, por dia, os indivíduos navegam na Internet. 74,1% responderam passar mais de três horas, sendo que os números quanto a navegar na Internet por uma hora (7,4%) e a navegar exatas três horas (18,5%) pareceram pífios se comparados ao primeiro item. A opção apenas uma hora não foi escolhida.

Ao serem questionados sobre a finalidade a qual acessavam à Internet, destacou-se que 74,1% dos respondentes utilizavam-na para atividades de lazer e entretenimento, como assistir a filmes e/ou ouvir músicas. 25,9% comunicavam-se com outras pessoas. A opção encomendas ou compras *online* não foi escolhida.

No tocante para que os respondedores acessavam a Internet, unanimemente, 100% deles responderam que a acessavam para estudar. Perguntou-se também no que os indivíduos

costumam investir seu tempo estudando. 48,1% utilizavam as mídias sociais (Facebook, YouTube) para estudar. 33,3% responderam acessar *sites* recomendados pelos professores e 18,5% investem seu tempo procurando em *sites* de busca. Destaca-se que ninguém escolheu a opção em aplicativos indicados pelos professores.

Questionou-se sobre o acesso à Internet para fazer trabalhos e/ou pesquisas. Todos os indivíduos (100%) responderam que a utilizam para tal finalidade.

Unanimemente, o índice de 100% foi atingido quando se perguntou aos indivíduos se eles acessavam a Internet para assistir a videoaulas. Ao serem questionados se conheciam ou acompanhavam algum canal de um *edutuber*, 81,5% dos participantes responderam positivamente, ao passo que 18,5% responderam negativamente.

A última pergunta do primeiro questionário abordou a opinião dos participantes se os conteúdos produzidos no YouTube poderiam ser aproveitados no ambiente escolar. 92,6% responderam que sim. 7,4% escolheram a opção não.

No segundo questionário aplicado, a pergunta inicial referia-se à percepção dos respondentes quanto a acreditarem que o *edutuber* havia transmitido o conhecimento, por meio da videoaula, de forma clara e objetiva. 100%, de forma unânime, responderam positivamente.

Em seguida, lançou-se o questionamento sobre ter sido suficiente a maneira como o *edutuber* explicou o conteúdo para o processo de aprendizado do participante da pesquisa. A opção sim foi escolhida por 77,8%. A opção não foi selecionada por 22,2% dos indivíduos.

Também se investigou se os respondentes consideravam satisfatório o modo como o *edutuber* se portou durante a videoaula. 92,6% responderam positivamente, ao passo que 7,4% responderam negativamente.

Ao serem questionados se ficaram confusos com algum exemplo ou com alguma explicação dados pelo *edutuber*, destaca-se que 66,7% responderam não e que 33,3% responderam sim.

Na sequência, investigou-se que 88,9% dos respondentes não acreditavam que apenas o conteúdo produzido pelo *edutuber* bastaria para que aprendessem o conteúdo abordado. Por outro lado, 11,1% acreditaram que a videoaula era o suficiente para aprenderem o conteúdo.

Depois, ao serem questionados se indicariam a videoaula assistida, 92,6% responderam positivamente e 7,4% responderam negativamente.

Na última questão do segundo questionário, 92,6% responderam que acompanhariam mais conteúdos produzidos pelo *edutuber*, cuja videoaula haviam assistido. 7,4% afirmaram que não acompanhariam.

No terceiro e último questionário aplicado, a pergunta inicial investigava se eles conseguiram resolver os exercícios propostos com facilidade e 70,4% dos indivíduos responderam sim. 29,6% responderam não.

59,3% dos participantes não acreditavam que apenas a videoaula assistida bastaria para resolver os exercícios de forma satisfatória; 40,7% afirmaram o oposto.

Em seguida, de forma unânime, 100% responderam acreditar que rever o conteúdo produzido pelo *edutuber*, durante a resolução dos exercícios ou como uma revisão dos conteúdos, ajudaria na rotina de estudos.

Se houvesse a mediação do professor de Língua Portuguesa, durante a exibição do conteúdo produzido pelo *edutuber*, todos os indivíduos (100%) acreditaram que esse fato seria mais enriquecedor para sua aprendizagem. Além disso, 70,4% dos respondentes não acreditavam que apenas a videoaula do *edutuber* bastaria para que aprendessem o conteúdo abordado. Por outro lado, 29,6% sinalizaram o contrário.

Depois, ao serem questionados se a utilização dos conteúdos produzidos pelos *edutubers* havia sido positiva para o processo de aprendizagem do objeto de conhecimento que estava sendo estudado, unanimemente, 100% responderam positivamente.

Quanto à avaliação da articulação entre os materiais elaborados pelo *edutuber* e a figura do professor que ministrava o componente curricular Língua Portuguesa em sala de aula, 59,3% avaliaram como muito satisfatória, 40,7% avaliaram como satisfatória e nenhum respondente optou pela opção insatisfatória.

A última questão do terceiro questionário se tratava da percepção dos estudantes quanto ao fato de acreditarem que vincular conteúdos disponíveis no YouTube aumentaria o interesse em aprender os objetos de conhecimento da língua materna: 88,9% responderam sim. 11,1% afirmaram que não.

Após a análise de todos os resultados obtidos na pesquisa, chegou-se à conclusão de que, para os alunos, o acesso à Internet e a utilização das mídias sociais são naturais, intuitivos e instantâneos, dado que os participantes integravam a Geração Z. Dessa forma, os adolescentes, em sua maioria, buscavam utilizar a Internet e as mídias sociais como forma de estudo, uma vez que, por estarem expostos a uma quantidade exorbitante de informação durante todo o dia, eles conseguiam filtrá-las, utilizá-las para seu próprio bem, administrando, assim, adequadamente o tempo de lazer e o de estudo.

Os usos das redes sociais são significativos para seus participantes, que podem “se incluir” nas comunidades que lhes interessar, pelo tempo que lhes convier e participar da maneira que quiserem ou que lhes for possível. São novas

formas de aprender e de ser. Muitas vezes, os objetivos para participar das redes são exclusivamente individualistas, mas podem também ser altruístas, visando ao bem de todos ou de determinadas comunidades (Gomes; 2016, p. 83).

Cabe evidenciar que esse estudo foi aplicado em um momento delicado de saúde pública, no início de 2020, em que todos ainda estavam preocupados com o avanço da doença causada pelo coronavírus SARS-CoV-2 e o que aconteceria no momento posterior à pandemia. Não havia, naquele momento, uma data definida para que as aulas retornassem à modalidade presencial e, à época, as pessoas tentaram, como puderam, equilibrar seus deveres realizados remotamente em suas residências e seus momentos de descanso.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este trabalho, cujo problema de pesquisa era como os *edutubers* podem influenciar no processo de ensino-aprendizagem dos conteúdos de Língua Portuguesa dos Anos Finais do Ensino Fundamental, apresentou dados que se mostraram robustos para afirmar que o material produzido pelos *edutubers* podem ser aliados à aprendizagem dos estudantes em relação aos objetos de conhecimento da língua materna que são abordados em sala de aula.

Entretanto, para isso, o docente que ministra a disciplina Língua Portuguesa precisa refletir sobre sua maneira de ensinar, reconhecer-se como mediador do processo de ensino-aprendizado e não como o único detentor do saber. Responsável, paciente e ético, esse educador, além disso:

[...] consegue, enquanto fala, trazer o aluno até a intimidade do movimento do seu pensamento. Sua aula é assim um desafio e não uma “cantiga de ninar”. Seus alunos cansam, não dormem. Cansam porque acompanham as idas e vindas do seu pensamento, surpreendem suas pausas, suas dúvidas, suas incertezas (Freire, 2011 [1996], p. 83-4).

É crucial que os professores se lembrem sempre de que também foram adolescentes e de que passaram pelas mesmas angústias que afligem os jovens atualmente. Por isso, o mestre, preocupado com a formação de seus estudantes, atenderá a orientação de Siegel (2016, p. 15): “[...] ande com adolescentes e irá escutar frequentemente risadas e ataques de histeria. Às vezes, irá ouvir muito choro. Tal intensidade emocional certamente pode trazer alegria e provocar lágrimas”.

Somente aquele que consegue enxergar que os educandos são muito mais do que máquinas que se depositam conhecimentos que, muitas vezes, não contribuem para uma formação adequada e eficiente para a atualidade, esquece-se facilmente de que “[...] somos

alunos por toda a vida. Compreender onde a outra pessoa está em seu desenvolvimento ajuda a todos a navegar bem e a continuar a crescer” (Siegel, 2016, p. 21).

Além disso, o educador que leciona o componente curricular Língua Portuguesa nos Anos Finais do Ensino Fundamental necessita ser um sujeito aberto às novidades. Em outras palavras, ele precisa engajar-se com as mudanças que surgem cotidianamente, principalmente aquelas que envolvem elementos da cultura digital. Martins (2014a, p. 42) complementa que:

[...] há professores que se consideram o centro do processo de ensino-aprendizagem e que apenas julgam o aluno como um receptor de saberes que devem ser acumulados ao longo do ano letivo. Para eles, a repetição é a mãe da aprendizagem e a memorização, a solução para tudo.

Não há como apoiar um indivíduo que, na terceira década do século XXI, desconsidera de suas aulas as ferramentas multimidiáticas e tecnológicas disponíveis e que nega, assim, o recomendado nos textos legais educacionais, como a BNCC.

Cabe salientar que os temas abordados pelos jovens na atualidade não são, necessariamente, inovadores demais. A Internet refere-se à segunda metade do século XX, o que leva ao seguinte questionamento: o que impossibilita os professores de adentrarem ao universo digital de forma a contribuir para a plena formação de seus aprendizes? (Andrade, 2022, p. 90).

É por isso que se insiste que os professores que ministram o componente curricular Língua Portuguesa na Educação Básica brasileira devem constantemente refletir sobre as estratégias adotadas no ensino de língua materna, a fim de que compreendam que o mundo em que estão inseridos passou por grandes mudanças ao longo dos anos e de que seus alunos são indivíduos que estão imersos em uma realidade em que as TDIC se fazem presentes em quase todos os aspectos da vida. Dessa forma, vincular os elementos que estão na vida dos educandos ao processo de ensino-aprendizagem se torna emergencial, em função do mundo em que se vive atualmente, e necessário para promover um ambiente de melhor potencialização do conhecimento adquirido nas escolas.

Há inúmeros desafios e muitas questões que a crescente organização das pessoas em redes sociais na internet traz para a escola. Talvez isso ocorra porque a pedagogia anda furtivamente no rastro da tecnologia e a instituição escolar, mais furtivamente ainda. Ou porque não há mesmo como a pedagogia acompanhar ou se antecipar à voracidade da criação tecnológica e a seus impactos em nossa vida e na educação. Enquanto tentamos entender os efeitos, as causas nos passam despercebidas. O tempo urge, e a escola vive entre o não ainda e o já passou (Gomes, 2016, p. 92).

Este trabalho não visava a resolver os problemas da Educação Básica nacional. Na verdade, buscou-se descrever uma proposta frutífera, aplicada em sala de aula, com o intuito de desmistificar a ideia defendida por muitos de que as mídias sociais apenas atrapalham a aprendizagem.

Ao analisar os dados obtidos a partir da aplicação dos questionários, foi possível concluir que a utilização dos conteúdos elaborados pelos *edutubers*, disponíveis no YouTube, pode ser muito bem-vinda no ambiente escolar, quando mediada por um docente que tenha a sensibilidade e a humildade de perceber que ninguém aprende sozinho e de que o conhecimento, quando não compartilhado, de nada serve para um ser humano.

Diante de tudo o que foi exposto nesta pesquisa, chega-se ao entendimento de que as videoaulas criadas pelos *edutubers* podem ser utilizadas para introduzir conteúdos de componentes curriculares, despertando a atenção dos alunos para determinados assuntos a serem abordados e construindo, assim, conceitos que serão desenvolvidos em sala de aula.

O ser humano é gregário e aprende em sua relação com o outro e com o meio. As redes digitais de relacionamento têm permitido e potencializado novas formas de ser e de estar no mundo, de ensinar e de aprender. Aprende-se em todos os lugares e, nesse sentido, podemos mesmo dizer que há uma escola fora da escola (Gomes, 2016, p. 83).

Elaborar projetos pedagógicos que visem à boa utilização de recursos tecnológicos e multimidiáticos dispostos no dia a dia dos educandos, portanto, pode ser uma boa saída para o educador que, consciente de sua prática pedagógica, sabe que um ambiente com elementos motivacionais e atividades que estabeleçam uma relação coerente entre teoria e prática é significativo para um eficiente processo de ensino-aprendizado.

REFERÊNCIAS

ANDRADE, Nickolas Marques de. **Gêneros textuais da cultura digital nas aulas de leitura literária**: relato de experiência nos anos finais do ensino fundamental. 2022. 169 f. Dissertação (Mestrado em Letras) – Programa de Pós-graduação em Letras da Universidade Presbiteriana Mackenzie, São Paulo, 2022.

ANTUNES, Irlandé. **Aula de Português**: encontro & interação. São Paulo: Parábola, 2003.

ANTUNES, Irlandé. **Muito além da gramática**: por um ensino de línguas sem pedras no caminho. São Paulo: Parábola, 2007. (Estratégias de ensino; 5).

BRASIL. Ministério da Educação. Secretaria da Educação Básica. **Base Nacional Comum Curricular**. Brasília: MEC/SEB, 2017.

BURGESS, Jean; GREEN, Joshua. **YouTube e a Revolução Digital**: como o maior fenômeno da cultura participativa está transformando a mídia e a sociedade. São Paulo: Aleph, 2009.

GOMES, Luiz Fernando. Redes sociais e escola: o que temos de aprender? In. **Redes sociais e ensino de línguas**: o que temos de aprender? (Orgs) ARAÚJO, J.; LEFFA, V. São Paulo: Parábola, 2016.

GUIMARÃES, Sérgio; FREIRE, Paulo. **Educar com a mídia**: novos diálogos sobre educação. 2. ed. São Paulo: Paz e Terra, 2021 [1983].

FISCHBERG, Josy. *'Edutubers'*: Professores deixam salas de aula e viram estrelas de vídeos na internet. Disponível em: <<https://oglobo.globo.com/sociedade/edutubers-professores-deixam-salas-de-aula-viram-estrelas-de-videos-na-internet-23545005>>. Acesso em: 27 jan. 2024.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia**: saberes necessários à prática educativa. 43. ed. São Paulo: Paz e Terra, 2011 [1996].

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da indignação**: cartas pedagógicas e outros escritos. São Paulo: Paz e Terra, 2014 [2000].

FREIRE, P. **Educação e mudança**. 43. ed. Rio de Janeiro/São Paulo: Paz e Terra, 2021 [1979].

MARTINS, Valéria Bussola. **O despertar para a leitura por meio de mídias digitais**: uma reflexão sobre a prática pedagógica na área de Língua Portuguesa. 1. ed. Saarbrücken: Novas Edições Acadêmicas, 2014a.

MARTINS, Valéria Bussola. **A utilização de redes sociais na formação docente**: o acompanhamento dos Estágios Curriculares Supervisionados por meio do Facebook. 1. ed. Saarbrücken: Novas Edições Acadêmicas, 2014b.

MORAN, José Manuel. **Desafios na Comunicação Pessoal**. 3. ed. São Paulo: Paulinas, 2007.

POSSENTI, Sírio. *Por que (não) ensinar gramática na escola*. Campinas: Mercado de Letras, 1996. (Coleção Leituras no Brasil)

ROJO, Roxane; MOURA, Eduardo. *Multiletramentos na escola*. São Paulo: Parábola Editorial, 2012.

RUIZ, Adriano Rodrigues. Educação e mídia. In. **Anais do Encontro Nacional de Educação - Educere - Congresso Nacional de Educação**. Curitiba: Champagnat, 2011. p. 2570-2579.

SIEGEL, Daniel J. **Cérebro adolescente**: a coragem e a criatividade da mente dos 12 aos 24 anos. Tradução: Ana Claudia Hamati. São Paulo: nVersos, 2016.

WE ARE SOCIAL; MELTWATER. *Digital 2024*: the essential guide to the latest connected behaviours. Disponível em: <<https://datareportal.com/reports/digital-2024-brazil>>. Acesso em: 23 mar. 2024.